

SÉCULO XIX: UM PORTUGAL, DUAS LITERATURAS

Ednilo Soárez

Sete de fevereiro de 1886, Arca de Água, subúrbio da cidade do Porto. Um dia frígido. Em dez minutos de duelo entre dois grandes nomes da literatura portuguesa, a sociedade letrada de Portugal assiste à vitória do Realismo e à derrocada do Romantismo. Quem são os dois bufões duelistas? O jovem, poeta, áspero, inquieto e bri-guento, Antero de Quental e o educador, irônico, crítico e cronista, Ramalho Ortigão.

Não fosse um evento que entrou para a história como um “fato verídico”, poderíamos certamente afirmar que seria uma anedota em torno da sonolência e da incapacidade de Portugal em se reconciliar com o espírito revolucionário e transformador que inspirou os líderes da França e da Inglaterra. Enquanto estas nações viviam mudanças que sacudiam as estruturas sociais, políticas e econômicas e decretavam morte ao “anciê regime”, através de conflitos sangrentos e revoluções que se seguiam umas as outras¹, Portugal morria asfixiado na defesa do passado e da tradição e a única “revolução” que ousara realizar acontecia no mundo distante das idéias, patrimônio de uns poucos nobres letrados.

Quisera o destino que os dois mais irônicos e sarcásticos vultos da literatura portuguesa do século XIX fossem os protagonistas de uma das cenas mais hilárias em torno de uma disputa pela hegemonia no campo literário. Quisera o destino que o único sopro de “revolução social”, excetuando-se a Revolução Liberal de 1834, que se manifestara no triste século XIX português, fosse de uma fanfarronice inigualável.

O destino e a história foram impiedosos com Portugal. Deram-lhes o privilégio de antecipar todas as grandes conquistas do Ocidente, porém cobraram um elevado preço pela inépcia política para produzir uma grande civilização.

¹ Ver o magnífico livro de Aléxis de Tocqueville, *Lembranças de 1848: as jornadas revolucionárias em Paris*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Em pleno século XIV,

“a obra de consolidação da monarquia portuguesa, condicionada pelo capitalismo político, chegará a seu ponto culminante por meio de uma revolução, a mais profunda e a mais permanente de todas as revoluções que varreram a história do pequeno reino. (Faoro: 1996, p.34).

Assim, inaugurava-se uma nova idade, um mundo novo e uma nova geração de gentes, compostos por uma burguesia comercial em ascensão e a dinastia de Avis, esclarecida, rica, inovadora e ávida por fazer surgir das praias de Portugal o maior Império marítimo e comercial da Europa. Quatro séculos antes de qualquer outra nação européia está quase definitivamente formada a nação portuguesa. Território definido, conhecimento científico e técnico – lembremos a grandiosa Escola de Sagres - e unificação lingüística formarão as bases para a aventura de conquista.

A junção de poder econômico e poder político - obra consagrada da Revolução Francesa - tivera sua expressão prematura na guerra intestina que ocorreu entre as facções da elite portuguesa no século XIV. Desse modo, como indica Faoro,

“perece uma dinastia, a dinastia afonsina, filha da infância do reino; em seu lugar, ergue-se a gloriosa dinastia de Avis (1385 – 1580), plataforma social e política da conquista do mundo desconhecido pelas audaciosas naus de Vasco da Gama. Nasce, assistida pela violência, pelo dissídio, pela guerra, a nação épica de Os Lusíadas, sonho de curta duração, meteórico, que deixou na sua cauda de luz, uma constelação ainda íntegra”. (Faoro: 1996, p. 34)

Justamente esta nação que esteve à frente de seu tempo, que antecipou a modernidade e desbravou as águas de todos os oceanos, sofrerá grandes derrotas políticas e econômicas no século XIX. No entanto, uterinamente, permanecerá praticamente incólume a toda convulsão reformadora por que passava a Europa. Uma seqüência de eventos atordoantes não será suficiente para despertar a sociedade política portuguesa e mostrar que os ventos haviam mudado de direção: invasão pela França, fuga da Família Real, envenenamento de D. João VI, independência de sua maior colônia – o Brasil, dependência crescente da Inglaterra, nada abalará a crença no passado remoto e glorioso.

As riquezas provenientes das conquistas coloniais selaram um destino trágico para Portugal. Antero de Quental destinava parte de sua verve para denunciar o catolicismo arcaico, a monarquia mumificada e a exploração irracional das possessões além mar, além da hipocrisia que marcava as relações sociais. A burocracia paralisante e a forte dependência da sociedade do estado, além dos enormes investimentos improdutivos, faziam com que Portugal cavasse a sua própria cova, parodiando a interpretação de Karl Marx a cerca da exploração do trabalho pela burguesia na sociedade capitalista.

Ainda unificado politicamente em torno da monarquia e sem manifestar grandes interesses nas transformações que inauguravam uma nova fase na história do ocidente, reinava na literatura o já velho Romantismo, extremamente desgastado pelo excesso de sentimento e irracionalismo na composição literária. A onda racionalista, positivista e evolucionista ia se impregnando na estrutura da sociedade européia e começava a demolir mitos e deuses construídos fora do ambiente científico. Em futuro não tão distante a ciência experimental haveria de construir seus mitos e fundar uma nova civilização.

Foi esta a inspiração para dividir ao meio a literatura portuguesa e levar à sociedade a embriaguez de crônicas e poesias de uma geração de literatos insaciáveis na arte de descortinar as nuances de um povo melancólico e sorumbático. O ideal de reforma social e política fizera do movimento realista uma plataforma e um emblema do inconformismo que tomara conta da geração de jovens escritores que despontavam em Portugal, sobretudo em Coimbra. Ramalho Ortigão será um dos espíritos mais controversos e alegóricos deste rico momento da literatura portuguesa. Lutava pela reforma social, porém temia uma revolução que levasse ao descontrole das massas. Em seu inconsciente, talvez fosse ma adepto do princípio de que é preciso mudar para conservar.

ROMANTISMO

Eça de Queiroz, certa vez, expressou: “naqueles tempos, segundo a fórmula dos Evangelhos, o romantismo estava em nossas almas”. Não poderia haver depoimento mais modelar do domínio da escola

romântica em Portugal. Os nomes de Almeida Garrett, Frei Luis de Sousa, Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco e Júlio Dinis extrapolavam os limites da língua portuguesa e concorriam em notoriedade com os destacados e precursores franceses, alemães e ingleses.

Do ponto de vista estético, havia uma preocupação excessiva com a retórica, com o uso puro da língua, com a perfeição do texto e com a opulência da rima. O termo romântico remete diretamente à ausência de significados objetivos para a vida, sobressaindo-se o idealismo poético.

A razão era confrontada aos sentimentos e o raciocínio lógico estava subordinado à capacidade ornamental das frases. Os paradoxos, as contradições, os dilemas irresolúveis, os amores impossíveis, o absurdo da vida eram os motores que impulsionavam os espíritos românticos. As verdades despidas de beleza do Iluminismo levavam a um deserto árido, sem emoções, sem ilusões, sem enfeites.

A função do escritor é traduzir o espírito vivo da natureza, organismo que se manifesta e se exprime, em palavras carregadas de pathos. A ordem social, política e literária estabelecida é confrontada ao mundo dos afetos e ao irracionalismo dos sentidos. Politicamente, os conflitos e contradições fracassam em seu telos de estabelecer uma realidade fundada no afeto, entretanto, pela ponte da palavra, os dilemas são resolvidos esteticamente pela adequação do Eu ao Absoluto e ao Todo.

O conceito de obra como espelho é uma invenção romântica. A hegemonia do EU exige que a folha de papel expresse fielmente as mais profundas emoções interiores.

A título de exemplo, vejamos o livro de Johann Wolfgang Goethe, “Os Sofrimentos do Jovem Werther”. O tema do livro é a paixão. Uma paixão sofrida até a mais absoluta destruição, até a aniquilação das forças vitais. O impulso livre e solto e a insanidade ultrapassam o controle e o domínio da consciência, aproximando personagem, escritor e leitor da experiência da loucura e da negação da vida.

Maria Filomena Mônica faz uma síntese interessante da performance da escola romântica:

O romance, esse é a apoteose do adultério. Nada estuda, nada explica, não esclarece os mistérios, nem pinta caracteres. Não desenha

temperamentos, não analisa paixões. Não tem psicologia, nem drama, nem personagens. Por exemplo: Júlia pálida, casada com Antônio Gordo, atira com as algemas conjugais à cabeça do esposo. Desmaia liricamente nos braços de Artur, desgrenhado e macilento. Para maior comoção do leitor sensível, e para desculpa, da esposa infiel, Antônio trabalha o que é uma vergonha burguesa, e Artur é vadio, o que é uma glória romântica”. (Mônica, 2004)

A hegemonia do romantismo no cenário literário fazia dos pioneiros figuras onipotentes e onipresentes, que ostentavam um status e um prestígio, dentro do campo literário, inabaláveis, pelo menos até o surgimento do sarcástico e irônico Realismo. Assim, cientes do quão a literatura portuguesa dependia da liderança destes célebres vultos, controlavam o nascimento de novos talentos e submetiam-nos a duas exigências inescapáveis:

Fidelidade ao Romantismo;

Reivindicasse que um dos titãs/ semi-deuses fizesse o prefácio consagrador.

Atendendo a estes dois axiomas básicos estavam preparados para entrar no seletivo grupo de escritores românticos. Como nos relata Viana Moog, o ritual também atingia a apresentação pessoal:

“cabeleira comprida, descendo sobre o pescoço, o bigode descaído, a roupa preta e um rosto o mais possível melancólico”. (Moog, 1939)

O Romantismo foi um movimento original, que conquistou a Europa e obteve ressonância em várias partes do mundo ocidental, sobretudo no Brasil. São muitos os autores brasileiros que seguiram a fórmula romântica. José de Alencar foi um dos mais importantes românticos do Brasil.

O REALISMO

A Cidade e a Universidade de Coimbra, entre os anos de 1840 e 1850, viram surgir, através de sua paisagem, de suas casas, de seus bares e de suas ruas, uma geração insanamente insatisfeita com a tradição e com a supremacia do passado, do clássico.

Havia um desejo visceral de mudar a sociedade portuguesa. Estavam contaminados pelas jornadas revolucionárias da primavera dos

povos de 1848 e pelas famosas barricadas de Paris, ambas prenúncios das idéias comunistas e socialistas que tanto marcaram o século XIX. “Um espectro ronda a Europa – o espectro do comunismo. Todas as potências da velha Europa uniram-se numa santa caçada a esse espectro: o papa e o czar, Metternich e Guizot, radicais franceses e policiais alemães”, professaram Marx e Engels.

Nem por um momento, imaginavam o papel que iriam desempenhar na história das letras e da sociedade portuguesa. No entanto, se dedicaram de maneira intensa à missão de fazer chegar a Portugal novas idéias e novas visões de mundo. O realismo ganhará forma pela pena e tinteiro de jovens devotados a uma causa: a mudança social, política, econômica e intelectual.

Contra a “alma romântica” e renunciando à assinatura consagrada dos prefácios pelos poetas românticos, os jovens Eça de Queiroz, Antero de Quental, Teófilo Braga, Oliveira Martins e Guerra Junqueiro, formados em Coimbra e os mais célebres representantes do realismo português, utilizaram como arma as crenças políticas e estéticas que faziam História na França revolucionária.

Diz-nos Nelly Novaes Coelho (1964, p. 167):

“Enorme foi a tarefa dessa geração turbulenta, iconoclasta, que, galvanizando-se contra as últimas gesticulações românticas, procurou, por meio da revolução artística, encontrar novas fórmulas, de vida para a sociedade portuguesa que se esterilizava lentamente, em gestos ultrapassados ou vazios de significação”.

Foi contra esta paralisia que a Cidade de Coimbra veio a se transformar no palco dos primeiros encontros e das agitações da Geração 70. O irrequieto e carismático Antero de Quental seduziu muitos jovens com uma impressionante oratória e sua pena e tinteiro.

Primeiro foi a Sociedade do Raio, de 1860 a 1865, que serviu para criar um “esprit de corps” e dotar os acadêmicos revolucionários de atitude impetuosa contra a autoridade instituída e o sistema de ensino obsoleto. Antero de Quental liderou as principais ações que tinham por objetivo depor o Reitor da Universidade de Coimbra, Basílio Alberto. Pesava sobre a Reitoria as mais variadas acusações, porém era o caráter reacionário, retrógrado e injusto que atormentava a juventude.

Empreenderam vários combates contra Basílio Alberto, mas não lograram êxito. Ironicamente, após sobreviver a todas as investidas possíveis, dos membros da Sociedade do Raio, o Reitor se afastará da Universidade para ser promovido e agraciado com o título de Visconde de São Jerônimo. Frustrados em seu telos fundamental, saíram mais fortes e unidos rumo à tarefa histórica de promover, pela literatura, uma revolução nos *modus vivendi* da sociedade portuguesa.

Depois, em 1871, no Cassino Lisboense, reuniam-se mais uma vez para realizar as impagáveis Conferências do Cassino, onde “pela primeira vez a revolução, sob a forma científica, tem em Portugal a palavra”. (Moog, 1939, p. 151) As conferências foram propostas com a intenção de disseminar o Realismo em território português. A inspiração era a literatura francesa, notadamente, Gustave Flaubert e o seu extraordinário livro “*Madame Bovary*”. Eram muitas as questões suscitadas pelas conferências, não obstante, a grande preocupação era com o processo de integração de Portugal na humanidade civilizada. Assim, era necessário pulsar a opinião pública e colocar sob o crivo da ciência e da filosofia, a religião, a política, a economia e as relações sociais.

Os títulos das conferências são sugestivos do desejo de dissecar a realidade social e política portuguesa e reconstituir o domínio da ciência na vida social, pois afirmara Antero de Quental:

“foi sobretudo pela falta de ciência que nós descemos, que nos degradamos, que nos anulamos”, (Moog, 1939, 153).

São elas: “*Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*”, por Antero de Quental; “*Literatura Portuguesa*”, por Augusto Soromenho; “*A Literatura Nova*” ou “*O Realismo como nova expressão da arte*”, por Eça de Queiroz; “*O Ensino*”, por Adolfo Coelho; “*Os Historiadores Críticos de Jesus*” por Salomão Sáraga; “*O Socialismo*”, por Jaime Batalha Reis; “*A República*”, por Antero de Quental; “*A Instrução Primária*”, por Adolfo Coelho; “*A dedução positiva da Idéia Democrática*”, por Augusto Fuschini². Das doze conferências previstas, apenas as quatro primeiras ocorreram.

A Monarquia Portuguesa decidiu interromper o ciclo, pois com um elevado número de assistentes e êxito crescente, as Conferências do

² As conferências não realizadas foram as seguintes: *Os Historiadores Críticos de Jesus* por Salomão Sáraga; *O Socialismo*, por Jaime Batalha Reis; *A República*, por Antero de Quental; *A Instrução Primária*, por Adolfo Coelho; *A dedução positiva da Idéia Democrática*, por Augusto Fuschini.

Cassino poderiam levar o país a seguir o movimento que ficou conhecido como “A Comuna de Paris”, provocando a a derrocada do regime.

Vale a pena comentar as conferências de Antero de Quental, Eça de Queiroz e Adolfo Coelho.

Antero de Quental procurou explicar a queda política e econômica dos povos peninsulares, sobretudo Portugal. Para isso, destilava uma árdua crítica a maneira e à atitude com que as colônias foram tratadas sob a égide portuguesa. A comparação com a Inglaterra era inevitável. Na Inglaterra, as riquezas advindas das colônias serviram para fomentar a indústria e a agricultura em solo inglês e gerar empregos, inovações e impostos, alterando drasticamente as condições de vida. Enquanto isso, os lusitanos reduziam a produção agrícola e passavam a importar parte significativa dos produtos consumidos internamente, agravando a dependência externa e assistindo ao empobrecimento geral.

Coube a Eça de Queirós, com a Conferência “O Realismo como nova expressão da arte”, defender os princípios da escola realista e mostrar sua importância histórica para o desenvolvimento da literatura portuguesa. De modo apaixonado, Eça de Queiroz advogará o banimento do convencional, do falso, do oco, do enfático, do lacrimoso, do piegas e da retórica como arte de promover a comoção.

Sua conclusão é formidável:

“O Realismo é a crítica do homem, é a arte que nos pinta a nosos próprios olhos para nos conhecermos, a ver se somos verdadeiros ou falsos, para condenar o que a sociedade tem de má. O seu processo é a análise, o seu fito é a verdade absoluta”. (Vianna Moog: 1939).

Diriam os franceses: “La verité avant tout”. Na verdade, o Realismo significava a revelação do real ou o desencantamento do mundo, como afirmaria Max Weber. O binômio iluminista – justiça e verdade – eram as grandes referências para quem desejava se aventurar a analisar, descrever ou pensar a realidade.

O pilar da vida social mais atacado, desde os tempos de formação da Geração 70, fora o sistema de ensino em Portugal. Adolfo Coelho escolherá como tema de sua conferência justamente “O Ensino”. Atacou a tudo e a todos os envolvidos nos sistema de ensino: Liceus, Universidade e o Curso Superior de Letras. Não deixou pedra sobre pedra. Nem uma única concessão.

A virulência das opiniões e a penetração obtida nas mentes e corações da opinião pública chegaram aos ouvidos do Marquês de Ávila e Bolama, então Chefe de Gabinete, que proibiu, no meio de grande indignação, a quinta conferência. A atitude de repressão às Conferências do Cassino serviu para aglutinar ainda mais os notáveis jovens da Geração Coimbrã.

Como é natural em momentos de forte tensão e turbulência, havia um desejo de manifestar e colorir com tintas novas a análise da realidade social e política. Assim, diversos livros são lançados pelo grupo de Coimbra. Antero de Quental é o grande destaque. “Odes Modernas” logo se transforma num sucesso da nova geração. Em seguida, Teófilo Braga lançou “Visão dos Tempos” e “Tempestade Sonora”.

Os livros sempre se prestavam a atacar as posições estabelecidas do romantismo português. Logo os escritores românticos sentiram que era preciso desqualificar a nova literatura, sob pena de perderem prestígio e poder dentro do campo literário. Portanto, não tardou para que se manifestasse a ira dos clássicos românticos contra a postura desafiadora e anárquica dos jovens realistas, que acreditavam ser inaceitável e desnecessário segundo os novos valores, solicitar o beneplácito dos consagrados mestres nos prefácios. Este ritual de prefaciolar obras de jovens postulantes a entrada no campo literário representava o “nihil obstat”, a aceitação no reduzido e seletivo grupo de intelectuais lisboetas. Porém este não produzia mais nenhuma eficácia simbólica.

O centro da literatura nacional era Lisboa, enquanto a nova geração germinou nos arrabaldes de Coimbra. Esta oposição entre as duas cidades era também uma oposição entre a nova e a velha literatura. As provocações na imprensa, as cartas e as calorosas discussões resultaram na famosa Questão Coimbrã, em 1865. Teófilo e Antero logo se transformariam em duas personalidades indesejadas da literatura portuguesa. Bebendo em novas fontes recém-chegadas de outras plagas – Roma, Berlim, Paris e Londres – os jovens de Coimbra não se resignavam à mumificação das letras.

Não tardaria para Antônio Feliciano de Castilho responder a esta indulgência com um tom irônico e desqualificador. Em agradecimento pelo exemplar de Tempestades Sonoras, cordialmente enviado por Teófilo Braga, Feliciano de Castilho retruca:

“Vejo que há aí um gênio divino, que pretende manifestar-se, e um profeta coroado de luz, e incumbido de trazer às turbas da lei nova: mentira, porém, para dissimular a confusão da minha ignorância e pouquidade, se tivesse arrôjo de dizer que abranjo e compreendo já toda a sua doutrina e a sigo em todos os seus assomos [...] Do que eu digo aqui com toda ingenuidade da minha alma, com toda a franqueza que se deve ao gênio, não se conclua (o que para ambos nós seria injurioso, eu enjeito por ininteligíveis as páginas esplêndidas destas suas prosas; digo só que ou por inato acanhamento do meu espírito, ou por falta de iniciação prévia, ou pelo concurso de ambas estas coisas, a verdade, meu caro senhor, é que eu não entendo, nem me parece que chegarei já nunca a entender”. (Moog: 1939, p. 64).

A carta é uma obra prima de deboche contra Teófilo Braga. Um conjunto de insinuações maliciosas que, no fundo, nega qualquer valor literário a “Tempestades Sonoras”. Daí por diante não haveria mais reconciliação.

Na conta de Lisboa despontava o jovem Manuel Pinheiro Chagas que, com Carta Prefácio de Antonio Feliciano de Castilho, publicara Poema de Mocidade. Feliciano de Castilho ataca em seu Prefácio, Antero de Quental, Teófilo Braga e Vieira de Castro e, contra a torrente em formação de uma literatura desapegada de referências portuguesas, sugere a criação de um curso oficial de literatura. Este momento trará para a cena literária portuguesa uma plêiade de intelectuais que mesclavam cultura, talento e ousadia.

Atacado pela imprensa de Lisboa em várias ocasiões e agora criticado pela carta prefácio de Feliciano de Castilho, Antero de Quental escreve um folheto instigante já no título: “Bom senso e Bom Gosto”. Em tom áspero e fortemente indignado, porém com uma escrita solta e vibrante, acusa de falta de “boa-fé” e de “cegueira” com o que estava acontecendo em Coimbra.

“O que se ataca na escola de Coimbra (talvez v. excia. O ignore, porque há malévolos inocentes e inconcientes (sic)), o que se ataca não é uma opinião literária menos provada, uma concepção poética mais atrevida, um estilo ou uma idéia. Isto é o pretexto (sic), apenas. Mas a guerra faz-se á independência irreverente de escritores que entendem fazer por si o seu caminho, sem pedirem licença aos mestres, mas consultando só o

seu trabalho e a sua consciência (sic). A guerra faz-se ao escândalo inaudito duma literatura desafortada que cuidou poder correr o mundo sem o sêlo (sic) e o visto da chancelaria dos grãos-mestres individuais. A guerra faz-se á impiedade dêstes (sic) hereges das letras, que se revoltam contra a autoridade dos papas e pontífices, porque, ao que parece, ainda a luz de cima lhes não escreveu nas fronteas o sinal de infabilidade”. (Moog: 1939, p. 69)

O que estava em jogo era menos o escrito e mais a autoridade e a hierarquia estabelecida no campo literário. No entender de Antero de Quental, o problema estava na rebeldia juvenil que não reconhecia mais o status da tradição, pois que havia decidido não haver mais autoridade para impor e definir o “bom gosto”.

Ironicamente, o Brasil será citado como um lugar de analfabetos e idiotas no manifesto “Bom Senso e Bom Gosto”. A escola romântica será denunciada pelo apego à palavra, ao aspecto formal do dicionário e à métrica, por conseqüência, conta Antero :

“preferem imitar a inventar; e a imitar preferem traduzir. Repetem o que está dito há mil anos, e fazem-nos duvidar se o espírito humano será uma estéril e constante banalidade. São os enfeitadores das ninharias luzidias. Põem os nadas em pé para parecerem alguma coisa. São os ídolos literários da multidão que mal sabe ler. São os filósofos queridos da turba que nunca pensou. São, enfim, gênios do Brasil como v. excia”.(Moog,p.71,1939)

A polêmica foi largamente explorada pelos editores através da publicação de folhetos, bem como nos jornais de Lisboa, Coimbra e Porto. Camilo Castelo Branco sai em defesa de Feliciano de Castilho e publica o livro “Vaidades irritadas e irritantes”, em que chama de “filósofo transmontado e tresnoitado” a Antero de Quental. Teófilo Braga volta à carga com o livro “Teocracias Literárias”. Antero de Quental não hesita e escreve “A dignidade das letras e as literaturas oficiais”. Assistia-se à disputa pela hegemonia dentro do campo da literatura e das artes em Portugal, obrigando todos a fazer uma reflexão, e em conseqüência, assumir uma posição.

A indignação crescente somente terminará com a entrada em cena do grande personagem da literatura portuguesa de então: Ramalho Ortigão. Ele envia para o “Jornal do Porto” um artigo intitulado “A Literatura de hoje”. Rechaçando o juízo e a acusação abjeta de cegueira

e de velhice perpetradas por Antero de Quental contra Feliciano de Castilho, Ramalho Ortigão ataca sem piedade:

“Se o sr. Quental já de antemão sabia, como afirma, abrindo aí margem a novo insulto, que o sr. Castilho é velho e cego, levará a bem dizer-se-lhe que maculou o sr. Quental os seus vinte e cinco anos com a mais torpe das nódoas que um mancebo pode lançar no seu caráter: a covardia”. (Moog: 1939, p.73).

Foi justamente esse lance que levou a disputa do campo da literatura para o campo das armas. Pesava na balança o fato de Ramalho Ortigão ser um notável esgrimista, além de forte e musculoso. Ao contrário, Antero de Quental funcionava melhor com a pena do que com a espada. Havia uma crença de que a vitória seria de Ramalho Ortigão, porém, contrariando todos os prognósticos, Antero de Quental golpeará ao primeiro inesperadamente para a perplexidade dos circunstantes. Em todos os ambientes a vitória de Antero parecia impossível. Ninguém poderia acreditar que o Ramalho se tivesse deixado derrotar, tal qual o gigante Golias pela mão certa do lírico Davi, consoante as Escrituras Sagradas.

Antero de Quental não era nenhum ingênuo, tomou aulas nas vésperas com o professor de sânscrito Vasconcelos de Abreu, “doublé de filólogo e espadachim”. (Moog: 1939, p. 74).

Orientado por ele e ciente de sua inferioridade física, partiu para um ataque suicida. Ou resolveria de saída, surpreendendo Ramalho por sua audácia, ou seria derrotado.

Certa vez, interpelado a falar sobre o duelo, Ramalho Ortigão comentou:

“Uma dessas circunstâncias imprevistas que apanha em cheio o melhor atirador!... Na resposta que dei ao meu antagonista não cobri o flanco e daí o golpe que apanhei, aliás de pequena importância”. (Costa: 1940, p. 34) .

Como rezava o código de honra dos cavaleiros franceses era preciso que a reconciliação se desse justo naquele momento. O que ocorreu prontamente. Anos depois Ramalho Ortigão resumiria todo o acontecido com extrema ironia e sarcasmo:

“A Questão Coimbrã?... Oh! isso foi uma coisa deliciosa de bordada, onde entrou bicharada de alto coturno!... Camilo, Antero, Pinheiro Chagas, Castilho! ... Gastou-se muita tinta e, também resmas de

papell... Eu diz a minha parte [...] O que muita gente ignora é que foi um padre que me meteu nessas grandes andanças!... É assim mesmo, meu caro amigo!... E vou contar em poucas palavras com entrei nesse sarilho... Vi, desde o princípio, que a tal história da Questão Coimbrã provocada pela carta de Castilho ao editor Antônio Maria Pereira e onde se falava de Bom senso e de Bom gosto, não valia dois caracóis!... Mas nós temos sempre um diabo em figura de gente para nos tentar!... E esse diabo incarnado (sic) na pessoa de um padre, que está a dormir o eterno sono em Agramonte, entrou certo dia em minha casa, e, mais ou menos, disparou-me este discurso: “Oh Zé Duarte, por que motivo não entras nesta barulheira desancando todos a torto e a direito? Quem vê melhor as coisas é quem está de palanque a gosar (sic) o pagodel!...Atira para o montel!...” E – como dizia um criado de minha avó – aí vai eu, e atira para riba” (Costa: 1940, p. 27/28)

Finda a querela, o episódio entrará para história como um dos mais ricos e produtivos momentos da literatura portuguesa. Muitos foram os escritores surgidos deste turbulento momento em se desejava romper com o passado em nome do futuro. A escola romântica cederá lugar, paulatinamente, ao realismo e abrirá caminho para novos espíritos. A modernidade chegará tardiamente a Portugal, mas, pelo menos na literatura, o conflito ganhará ares de drama pastelão.

Anos depois, boêmios e anárquicos, ferozes e apaixonados pela discussão de qualquer fato ou teoria viviam de reuniões nas casas e bares de Lisboa destilando críticas sobre a vida social, política e intelectual. A estes encontros emprestarão o nome de Cenáculo.

Na casa de Batalha Reis reuniam-se os novos senhores do tempo: Ramalho Ortigão, Carlos Meyer - o criador da alcunha de “Ramalhal figura” quando se referia a Ramalho -, Eça de Queirós, Burnay, Salomão Saraga, Manuel Arriaga, Conde de Ficalho, Antônio Cândido, Conde de Sabugosa, Oliveira Martins, Marquês de Soveral, Conde de Arnoso, além de muitos outros. A liderança de Ramalho Ortigão se fazia sentir, não só por ser o mais velho do grupo, mas também por ser moderado. Portanto, passou a ser muito ouvido e respeitado. A “Geração Coimbrã” havia atingido a maioria. Um dos acontecimentos mais importantes do “Cenáculo” foi a aproximação entre Ramalho Ortigão e Eça de Queirós.

Desta amizade lastreada na admiração intelectual entre ambos irá nascer uma das obras mais importantes do século XIX em Portugal. Não podia haver título melhor para o livro: “AS FARPAS”.

O grupo permanecerá unido, apesar de muitas polémicas, entre si, até atingirem a velhice quando, ironicamente, se autodenominaram “Vencidos da Vida”. Periodicamente, encontravam-se para conversar, discutir, beber e participar de lautos banquetes, com se estivessem celebrando uma velhice plena de realizações. Entrementes, alguns outros autores atribuem o nome de “Vencidos da Vida” a frustração de não terem conseguido provocar as transformações na proporção desejada.

Convoquemos Ramalho Ortigão para salientar o significado dos Vencidos da Vida:

“Apenas pretendíamos vencer os ridículos, os preconceitos e tolices de uma sociedade que dorme a sono solto, no tocante a coisas espirituais; delirante com a maçada do estúpido elogio mútuo. Que vê alçapremar-se quem não tem valor de espécie alguma. (...) Visto que não era possível modificar, a bem, o ambiente, tornava-se necessário aplicar-lhe a pastilha da pancadaria!”. (Costa, p. 121 e 122)

Os “Vencidos da Vida” agrupavam os grandes vitoriosos do Século XIX: Ramalho Ortigão, Antero de Quental, Eça de Queirós, Guerra Junqueiro, Oliveira Martins, Carlos Mayer. Como poderiam ser “Vencidos da Vida” se entre eles estavam, o melhor poeta, o melhor crítico e o melhor romancista e o melhor diplomata? Haviam conquistado a glória na literatura. Acreditavam que o povo português poderia sentir orgulho de tê-los como filhos ilustres. O nome de Vencidos da Vida revivia a ironia, o espírito irreverente e crítico e a alegria que marcou a Geração Coimbrã ou Geração 70.

RAMALHO ORTIGÃO

Figura emblemática de literato português. Não fosse a capacidade de Eça de Queiroz, de construir perfis psicológicos tão maravilhosos, Ramalho Ortigão teria sido o maior nome da literatura portuguesa no século XIX.

Filho de uma família nobre da região do Algarve, Ramalho Ortigão nasceu na cidade do Porto, em 1836. Joaquim da Costa Ramalho Ortigão,

seu pai, era o diretor do Colégio da Lapa. Nessa escola, Ramalho Ortigão foi professor de francês do adolescente Eça de Queirós. Encaminhado para estudar direito na prestigiada Universidade de Coimbra, não chegou a concluir o curso. Verificou logo não tratar-se de sua seara.

Logo se iniciou na arte de escrever. A imprensa era um “lócus” importante na formação de jovens escritores. Foi Redator do “Jornal do Porto” e posteriormente Oficial da Academia Real das Ciências. Colaborou com a “Revista Contemporânea”, da Gazeta Literária, e exerceu o cargo de Bibliotecário da Biblioteca da Ajuda. Foi nomeado para o cargo de Vogal do Conselho Superior de Instrução Pública.

Ramalho Ortigão foi o maior retratista que Portugal ousou formar. Sua capacidade para descrever pessoas, objetos e fatos é insuperável. Em todos os seus livros encontramos esta marca. Podia-se entender Ramalho Ortigão pela sua aparência exterior e pelo seu aspecto físico, como uma chave interpretativa para sua obra. “Le style c’est l’homme même”, professam os franceses.

Ele sempre se vestiu muito bem, figura máscula, de jaquetão e chapéu de coco, alto, apumado, impassível, espadaúdo, enorme. Caminhava com passos rápidos, desenvolveu hábitos espartanos, e com a cabeça erguida. Estava em sintonia com o rigor da moda.

Augusto de Castro (1986) o descreve com perfeição:

“figura de bigode coroada por um chapéu de pano pespontado, gravata escocesa de ponta larga, jaquetão trespessado azul, calças justas de listra, com biqueira quadrada. Tinha uma especial predileção por luvas, que usava de várias cores, mudando de cor durante o dia. Era um verdadeiro “dândi”.

A amizade com Eça de Queirós durou por toda a vida. Ele nos deixou uma descrição da persona que era Ramalho Ortigão:

“A figura de Ramalho, tem no meio da figura anêmica e derreda de seus contemporâneos, o mesmo destaque vivo que tem o seu espírito entre os espíritos neutros e apagados. Tem a saúde, a firmeza, a força, a linha desempenada, a marcha sólida, o movimento ágil do homem moderno, sólido à fadiga, alegre no trabalho, podendo caminhar doze horas, defender-se bem se o atacarem, sem medo à chuva, nem ao Inferno, crendo em si, e querendo por si. A first-man race! A Capital man!”. (Coelho, 1964)

Diferente de John Stuart Mill, que será esmeradamente formado para reformar o pensamento inglês, Ramalho Ortigão teve uma formação que trilhou os mesmos caminhos pelos quais passariam todos os outros grandes nomes do realismo português. No prefácio da segunda edição de *Holanda* está a confissão de como o destino o levaria ao mundo das letras.

“Tive na puberdade uma febre escarlatina e foi na convalescença dessa enfermidade que minha mãe me deu para ler um livro de Garrett *As Viagens na minha terra* - desde esse dia o meu destino estava traçado: Bom ou mau, eu tinha de ser fatalmente um escritor”. (Castro, 1964)

Muitos autores influenciaram o pensamento e a concepção de mundo que acompanhará Ramalho Ortigão ao longo de sua vida. O educador Alexandre Herculano, que lhe emprestou um estilo direto, forte, violento. Foi através dele que desenvolveu uma prosa clara e usou a língua em todas as suas possibilidades. Do ponto de vista filosófico, seguiu a linha do Positivismo, de Augusto Comte.

Ademias, flertou com a crítica de Karl Marx à sociedade capitalista e sua teoria da luta de classes e produção da mais-valia. Esta identificação com o pensamento de revolucionário de Marx e Engels não foi empecilho para que se filiasse ao anarquista e socialista utópico francês, Pierre-Joseph Proudhon, que buscava conciliar por meios pacíficos as divergências entre o Capital e o Trabalho. Também ficou maravilhado pelo evolucionismo de Charles Darwin.

Desde cedo, cultivou uma relação de proximidade com a cultura humanista, porém não ficou desatendo aos progressos que se faziam nas ciências naturais. Sempre fora muito dedicado ao estudo metódico e demorado de cada autor, de cada obra com a qual sentia profunda identificação. Mergulhava com afinco em cada questão, antes de historiar. Como dizia Eça de Queirós: “Ramalho não espalhava erudição por vaidade, mas por filantropia.

Finalmente, falemos um pouco de sua vasta obra. Não é possível analisá-la em toda a sua profundidade, no entanto, procuraremos lançar as bases para a compreensão de sua importância e significado na literatura portuguesa do século XIX.

Ramalho Ortigão foi um privilegiado. Em tempos em que grassavam toda sorte de enfermidades que encurtavam a vida, foi portador

de um físico exuberante. Aliado a isso, teve condições financeiras favoráveis e um espírito disciplinado que o possibilitaram escrever, ininterruptamente, durante mais de meio século: de 1859 até sua morte, em 1915.

Segundo Nelly Novaes Coelho:

“A generosidade de seu temperamento levou-o constantemente a uma dádiva consciente: ensinar o que aprendia de valioso, partilhar com os outros os tesouros que encontrava no caminho”. (Coelho, 1964)

Nada, nenhum tema, questão, objeto esteve ausente das preocupações de Ramalho Ortigão. A ramalhal visão investia sobre todos os acontecimentos da vida política, econômica, social, cultural e científica do seu tempo. Em sua reflexão ganhavam importância os vícios dos costumes familiares, sociais e políticos. Encontramos em sua obra um vasto leque de temas abordados: questões religiosas e políticas, problemas de agricultura e de educação, as escolas e querelas das artes em geral, a alimentação, a higiene física, mental e moral, problemas filosóficos, científicos e históricos.

Ramalho Ortigão apresentou uma versatilidade, na arte de escrever. impressionante. A amplitude de sua visão e a honestidade intelectual com que abordou os aspectos vitais da sociedade portuguesa faz-nos desconfiar de que na Carta ao Ministro da Instrução Pública ao se referir a si mesmo como “touriste na ciência e dilettante da filosofia”, estava mais uma vez, sendo irônico e sarcástico. Ironia e deboche são marcas definitivas do seu estilo. Vide sua obra “John Bull” (1943:p.32), onde escreveu ao final da apresentação:

“Não é pois este livro o que tu mereces, mas o que pode dar-te em humilde testemunha de affecto aquele que é, por todos os seus compatriotas (...) teu amigo, aliado e freguês constantemente explorado e sempre agradecido”.

Ramalho Ortigão deixou um legado impressionante. Nem todas as suas obras foram publicadas em vida. Citamos as obras mais conhecidas: “Literatura de Hoje”, “Arte Portuguesa”, “Em Paris”, “O Mistério da Estrada de Sintra”, “Histórias Cor de Rosa”, “As Farpas”, “Banhos de Caldas e Águas Minerais”, “As Praias de Portugal”, “Teófilo Braga, Notas de Viagem”, “Luís de Camões: a Renascença e os Lusíadas”, “A Lei da Instrução Secundária na Câmara dos Deputados em Portugal”, “A Holanda”, “John Bull”, “A Fábrica das Caldas da

Rainha”, “O Culto da Arte em Portugal”, “Últimas Farpas”, “El-Rei D. Carlos, o Martirizado”, “Pela Terra Alheia”, “O Conde de Ficalho: retrato íntimo”, “Quatro Grandes Figuras Literárias: Camões, Garrett, Camilo e Eça”, “As Origens da Holanda”, “Primeiras Prosas, Costumes e Perfis”, “Crônicas Portuenses”, “Contos e Páginas Dispersas”, “Figuras e Questões Literárias”, “Farpas Esquecidas”, “Arte Portuguesa”, “Carta de um Velho a um Novo”, “Correio de Hoje”, “Folhas Soltas”, “O Rei vai Nu: História de uma vestimenta real”, “Idéias dos Dignos Pares sobre a Ginástica”, “Ele e Ela”, “Cartas a Emília” e “O Mar”.

Ramalho Ortigão perscrutou a realidade portuguesa como nenhum outro, em tempo algum. Esteve atento a todos os pormenores dos costumes, da arquitetura, da alimentação, da língua, dos rituais, enfim, dos ínfimos detalhes da natureza e do homem. Era um apaixonado pela arte de descrever as minúcias, pois era nelas que podia se encontrar a deterioração da realidade social em Portugal. Optou pelos traços invisíveis que formam a realidade, por isso fez uma literatura atomista, dispersa, mas rigorosa. Ramalho Ortigão utilizou como ferramenta a análise e a crítica caricaturesca da realidade, revelando uma sociedade decadente, atrofiada e mórbida.

No conjunto de sua vasta obra, “As Farpas” ocupam um capítulo especial. Em princípio, foram redigidas em parceria com Eça de Queirós. Entretanto, logo Eça de Queirós abandonaria a proposta diária de tecer comentários sobre a sociedade portuguesa de seu tempo. Coube a Ramalho Ortigão a tarefa de denunciar a ignorância do povo português quanto aos problemas que realmente o afligiam. Comentará Eça de Queirós (Coelho, p. 175):

As Farpas tinham inteiramente outro processo: - era obrigar a multidão a ver verdadeiro. (...) A multidão vê falso. (...) pela aceitação passiva das opiniões impostas, pelo apagamento das faculdades críticas por preguiça de exame: o público vê como lhe dizem que é”.

Portanto, era um tablóide de luta, mordente, cruel, incisivo, cortante e, sobretudo, revolucionário. As Farpas pretendiam atingir a passiva opinião pública. Ramalho Ortigão utilizava à ironia, a pilhéria, a sátira, o ferro em brasa, o chicote, para produzir uma catarse na opinião pública. Foi um seguidor do excepcional Jean-Baptiste Poquelin – Molière – para o qual “ridendo castigat mores” – rindo se castigam (criticam) os costumes. Havia muita ansiedade e expectativa em saber

os temas abordados na edição de cada Farpa. A análise aguçada e vívida de nomes conhecidos da vida social e política transformava a leitura d'As Farpas num ritual familiar, que agitava as casas, os bares e os cafés.

As Farpas iniciais são destruidoras e desmoralizantes, representando os ímpetos joviais, revolucionários e radicais, sobretudo de Eça de Queiroz. No entanto, como nos lembra Nelly Novaes Coelho (p. 177),

“com o tempo, lançadas apenas por Ramalho, foram tomando gradativamente outra feição, foram-se impregnando daquele “sumário e nítido bom-senso” de que nos fala Antônio Sérgio, um bom senso “apoiado nos fatos da experiência comum, na observação prática de um moralista de salubérrimas intenções”.

Ambos mantinham uma relação de amor com Portugal. Apesar de todas as mazelas e a devassidão que assolavam a vida pública e privada, matéria prima d'As Farpas, Miguel de Unamuno encontrará algo visceral na relação deles com a nação portuguesa:

“Portugal lhes doía como o peito dói aos doentes do peito, como o fígado dói aos doentes do fígado. Portugal lhes doía como parte do próprio corpo e da sua própria vida” (Coelho, 1964).

Viana Moog, em seu clássico livro “Eça de Queirós e o Século XIX”, utilizou uma metáfora interessante para definir Eça de Queirós e Ramalho Ortigão:

“A função de cada um, Eça e Ramalho, na literatura portuguesa, aparece já nitidamente demarcada nas FARPAS. Ramalho é o tacape. Eça o ramo de urtiga”. Moog, p.179, 1939)

Como relatado anteriormente, há um poder magnífico no ato de descrever proposto por Ramalho Ortigão. Acionando todos os sentidos ao mesmo tempo, transpõe o leitor para cena retratada para que possa interagir como personagem, como ator, implicando-o com as questões levantadas e com as possíveis soluções. A passividade é evitada a todo e qualquer custo.

Nenhuma trivialidade da vida deixa de sofrer o escrutínio da mente poderosa de Ramalho Ortigão. Para aguçar o interesse de vocês nesta magnífica obra, seguem alguns comentários ácidos.

As mulheres são vítimas indefesas da mordaz crítica de Ramalho Ortigão. Ramalho achava que, em função da vida inútil, da alimentação deficiente, do ambiente poluído e da falta de exercícios, a mulher

de Lisboa era a mais feia da Europa. Definia a mulher feia impiedosamente:

“é uma calamidade social, a desonra da raça, o eterno ridículo do marido, a vergonha dos irmãos, a humilhação de seus pais”(Ortigão, As Farpas i,p.34, 1986).

Para abordar a triste vida política, inventa diálogos inusitados e engraçados entre Deputados:

Uma voz suplicante: “Sr. Presidente, estão cá a me dar ponta- pés”.

A oposição atira cebolas ao Sr. Pinheiro Chagas. Alguns senhores deputados dizem obscenidades, que o ruído impediu que chegassem à mesa dos taquígrafos.

- O Orador - A Câmara não quer escutar-me? Pois bem, eu passo a outros argumentos (Distribui bengaladas em profusão)

O Sr. Deputado Luis de Campos termina por distribuir uma prodigiosa quantidade de ponta- pés, com uma nobre imparcialidade, atingindo igualmente os representantes da situação e da oposição”.

Os “amigos íntimos” agitam-se em torno do Ministro como um bando de pardais em torno de um saco de espigas.

Tenho aqui tudo preparado. Gastei um dinheirão. Por isso, querido amigo, espero que me mandes apoiar a eleição. Sabes que sou fiel como um cão, quando tu estás no poleiro.

Não é menos cáustico quando os assuntos são as forças armadas em Portugal:

O equipamento é nulo: nem tendas, nem cantina, nem transportes, nem munição, nem armas, nem nenhum aparelho de marcha ou acampamento. Só poderiam alcançar o inimigo , correndo atrás dele: mas para isso, faltam – lhe sapatos

O Exército é uma ociosidade organizada.

Não temos Marinha. Nós só temos Marinha pelo motivo de termos colônias, mas justamente nossas colônias não prosperam porque não temos Marinha.

A “Pedro Nunes”, um navio, está em tal estado que, se vendida dá uma soma que o pudor nos impede de escrever.

O “Mindelo”, outra nau, é um esquife a hélice. Os Oficiais que embarcam na “Mindelo”fazem disposições finais. Testamento.

Os navios que compõem nossa esquadra têm um único mérito

perante uma agressão estrangeira: impor pelo respeito de idade. Quem ousa atacar as cãs de um velho?

O Arsenal construiu uma lancha que só podia avançar puxada a bois

Não poupou os diplomatas, ressaltando a inutilidade de suas missões e seus baixos níveis de remuneração:

Os diplomatas portugueses passam por agradar lá fora pela sua palidez! Mas não se sabe-que a palidez vem da raça peninsular, mas da fraqueza da embaixada mal alimentada. E se eles não podem alcançar bons tratados para o país- é que andam ocupados em arranjar mais “roast-beef” para o estômago. Se não fossem os jantares da corte e as ceias dos bailes, a posição de diplomata português é insustentável. Lá fora sabe-se isto: e é sempre com terror que os donos da casa vêem entrar o embaixador português, à frente de seu pessoal esfomeado.

E ainda veremos os jornais estrangeiros noticiarem:

“ Ontem na rua de ... caiu inanimado e de fome um indivíduo bem trajado: conduzido para uma botica próxima o infeliz revelou toda a verdade. Era o embaixador português. Deram-lhe logo bifés. O desgraçado sorria, com as lágrimas nos olhos. (Mônica, p.230,2004)

Em relação à educação, critica o sistema e os mal costumes que, certamente, pessoas com vícios seriam prejudiciais ao seu caráter.

“Os alunos habituam-se desde a infância, a descrerem do mérito, do trabalho e do estudo, e a contarem para todo o êxito com a falseação das provas, com a mercancia da justiça e com a onipotência do compadrio - perfeita iniciação para uma existência de intriga, de indolência e de desonra”.

Embora Ramalho seja um escritor da escola realista, como todos os escritores cujas obras se perpetuam no tempo, de acordo com Sânzio Azevedo, não podem ser classificados em uma só escola. No caso de Ramalho, vemos que em alguns trechos ele cede ao Romantismo, como na comovente descrição do Natal:

É dia de Natal. O primeiro dos convivas era a velhinha sentada ao centro da mesa. Ela, que para nós representava apenas a avó, tinha sido também a filha, tinha sido a irmã, tinha sido a esposa, tinha sido a mãe... No seu pobre coração, quantas saudades acumuladas! Por isso, enquanto os outros riam e conversavam alegremente, a mão dela emagrecida e enru-

gada tremia de comoção ao tocar no copo, e de seus olhos cansados despejavam-se silenciosamente duas lágrimas que ela embebia no guardanapo enquanto a sua boca procurava sorrir e titubear palavras de resignação, de conforto, de felicidade(Farpas, Tomo I, p.77,1942.).

O que mais chama a atenção do leitor no texto de Ramalho é a sua capacidade de absorver, em detalhes da atmosfera reinante no ambiente descrito, os sentimentos, as frustrações, o emaranhado das emoções dos agentes em ação. Nada lhe passa despercebido no ambiente físico, nota-se sempre a preocupação dele em trazer o leitor ao centro do palco, com a finalidade de torná-lo um participante.

Ainda no mesmo teto, prossegue:

Só nós as crianças, é que gozávamos nesta festa uma alegria imperturbável e perfeita, porque não tínhamos a compreensão amarga da saudade nem as preocupações incertas do futuro.

(Idem,77)

Em apenas um parágrafo, consegue definir perfeitamente o sentimento das crianças e dos velhos, cada um com uma visão diferente da vida, embora convivendo no mesmo ambiente e no mesmo evento- a comemoração do Natal.

Conclui o texto com maestria:

Não, a vida não é uma festa permanente e imóvel, é uma evolução constante e rude.O Natal é a festa das lágrimas para quem não é a festa da inexperiência. Esta noite de alegria para as crianças será sempre de saudade para os adultos, assim teremos a esperança terna de sobreviver, por algum tempo, na lembrança dos que amamos - uma boa vez ao menos - de ano a ano(Idem, p.29).

Nesse final, vê-se claramente uma mescla das duas escolas: se, por um lado, o Romantismo se expressa através de lágrimas, de saudades, por outro, o Realismo se manifesta quando limita a lembrança dos que amamos, por algum tempo.

Observe-se que, se fosse um texto exclusivamente romântico, provavelmente o autor teria escrito que a saudade seria eterna. No Realismo, não se perde a visão do finito, do término, nada é para sempre, uma vez que o tempo está definido pela expressão, “ por algum tempo”.

Infelizmente, em razão do tempo, não temos como ir adiante

com o entendimento da obra e da vida deste insofismável espírito polêmico, combativo, especulativo e sentimental que foi Ramalho Ortigão. Nem próximo chegamos de penetrar em sua infinita riqueza literária. Dedicou-se com uma firmeza e um amor impressionante à arte e à profissão de escritor, buscando, de modo sincero, elevar a dignidade da literatura e da sociedade portuguesa. Sua produção literária expressa uma partitura completa da nação portuguesa. Utilizou com precisão meticulosa a palavra para desafiar os costumes. Sem ele o século XIX seria menos inteligível para todos nós. Sua obra continuará sendo uma fonte inspiradora para aqueles interessados na crítica social e literária.

Despeço-se, agradecendo à Academia Cearense de Letras, por intermédio de seu presidente Murilo Martins, um bom amigo que tem sempre me incentivado na minha trajetória em busca de novos conhecimentos literários e à distinta platéia que me privilegiou com a sua presença e atenção.

BIBLIOGRAFIA

ARANTES, Hemetério, Ramalho Ortigão, Livraria Ferreira, 1915.

COELHO, Eduardo e **GONÇALVES**, Zetho Cunha, Os brasileiros/ Eça de Queirós e Ramalho Ortigão, Língua Geral Livros

COELHO, Nelly Novaes, Ramalho Ortigão - o homem e o escritor, Revista de Letras, Vol. V, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1964.

COSTA, Júlio de Sousa e, Ramalho Ortigão - Memórias do Seu Tempo, Edição Romano Torres, 1941.

D'OLIVEIRA, Lopes, Eça de Queirós - a sua vida e a sua obra, Edições Excelsior, 1944.

GOMES, Florentino, 1808- "Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil". Editora Paz e Terra, 2007,

JORGE, Ricardo, Ramalho Ortigão, Editora L, 1915. Ltda., 2008.

LUSTOSA, Isabel, Dom Pedro I, Companhia das Letras, 2006.

MANSO, Joaquim, Ramalho Ortigão, Livraria Bertrand, 1936.

MOISÉS, Massaud, A Literatura Portuguesa através dos Textos, Cultrix, 2005.

MONICA, Maria Filomena, As Farpas - Eça de Queirós-Ramalho Ortigão, Principia, 2004.

MOOG, Vianna, Eça de Queirós e o Século XIX, Edição da Livraria Globo, 1939.

ORTIGÃO, Ramalho, As Farpas Completas, 6 volumes, edição de Ernesto Rodrigues, Artes Gráficas, 2007.

ORTIGÃO, Ramalho, O Conde de Ficalho, Livraria Attlaud, 1919.

ORTIGÃO, Ramalho, O Culto da Arte, Esfera do Caos, 2006.

ORTIGÃO, Ramalho, A Holanda, Livraria Clássica Editora, 1943.

ORTIGÃO, Ramalho, Arte Portuguesa, Tomos I e II, Livraria Clássica Editora, 1943.

ORTIGÃO, Ramalho, As Farpas, Edição Integral, 5 volumes, Livraria Clássica e Editora, 1942.

ORTIGÃO, Ramalho, As Farpas, últimas Farpas, (1911-1914) Clássica Editora, 1986.

ORTIGÃO, Ramalho, As Farpas, Volume IX, o movimento literário e artístico, Clássica Editora, 1986.

ORTIGÃO, Ramalho, As Farpas, Volume VI, as sociedades, Clássica Editora, 1986.

ORTIGÃO, Ramalho, As Farpas, Volume VII, a capital Clássica Editora, 1986.

ORTIGÃO, Ramalho, As Farpas, Volume VIII, Os nossos filhos; instrução pública, Clássica Editora, 1986.

ORTIGÃO, Ramalho, As Farpas, Volume X, aspectos vários da sociedade da política, da administração, Tomos I Clássica Editora, 1986.

ORTIGÃO, Ramalho, As Farpas, Volume XI, aspectos vários da sociedade da política, da administração, Tomo I Clássica Editora, 1986.

ORTIGÃO, Ramalho, As Farpas, Volume XII, crônica mensal da política, das letras e dos costumes (1871-1872), Tomo II Clássica Editora, 1986.

ORTIGÃO, Ramalho, As Farpas, Volume XIII, crônica mensal da política, das letras e dos costumes (1872), Tomo II Clássica Editora, 1986.

ORTIGÃO, Ramalho, As Farpas, Volume XIV, crônica mensal da política, das letras e dos costumes (1871-1872), Tomo II Clássica Editora, 1986.

ORTIGÃO, Ramalho, As Farpas, Volume XIV, crônica mensal da política, das letras e dos costumes (1871-1872), Tomo I Clássica Editora, 1986.

ORTIGÃO, Ramalho, As Farpas, Volume XIV, crônica mensal da política, das letras e dos costumes (1873-1875), Tomo III Clássica Editora, 1986.

ORTIGÃO, Ramalho, As Farpas, Volume XV crônica mensal da política, das letras e dos costumes (1876-1882), Tomo III Clássica Editora, 1986.

ORTIGÃO, Ramalho, As Farpas, Volumes I, II, III, IV e V Clássica Editora, 1986.

ORTIGÃO, Ramalho, As praias de Portugal, Editora Frenesi, 2002

ORTIGÃO, Ramalho, Banho de Caldas e Águas Minerais, Livraria Clássica Editora, 1944.

ORTIGÃO, Ramalho, Contos e Páginas Dispersas, Livraria Clássica Editora, 1945.

ORTIGÃO, Ramalho, Correio de Hoje, Tomos I e II, Livraria Clássica Editora, 1948.

ORTIGÃO, Ramalho, Costumes e Perfis, Livraria Clássica Editora, 1944.

ORTIGÃO, Ramalho, Crônica Portuense, Livraria Clássica Editora, 1944.

ORTIGÃO, Ramalho, Em Paris, Editora Esfera do Caos,

ORTIGÃO, Ramalho, Farpas Esquecidas - Volumes I e II, Clássica Editora, 1986.

ORTIGÃO, Ramalho, Figuras e Questões Literárias, Tomos I e II, Livraria Clássica Editora, 1945.

ORTIGÃO, Ramalho, John Bull, Livraria Clássica Editora, 1943.

ORTIGÃO, Ramalho, Notas de Viagem, Livraria Clássica Editora, 1945.

ORTIGÃO, Ramalho, Pela Terra Alheia, Livraria Aillaud e Bertrand, 1910.

ORTIGÃO, Ramalho, Primeiras Prosas, Livraria Clássica Editora, 1944.

ORTIGÃO, Ramalho, QUEIRÓS, Eça. O Mistério da Estrada de Sintra, Printer Portuguesa, 1980.

ORTIGÃO, Ramalho, Rey Dom Carlos, O Martirizado, Typografia "A Editora", 1908.

REYS, Câmara, As Questões Morais e Sociais na Literatura, Gráfica Lisbonense, 1941.

SOÁREZ, Ednilo, Ramalho Ortigão, Um Marco na Literatura Portuguesa, Expressão Gráfica, 2008.

SANTOS, José Rodrigues, Códex 632, Editora Record, 2007.

SARAIVA, Antonio Gomes e **LOPES**, Oscar, História da Literatura Portuguesa, Porto Editora, 1976.

SARAIVA, José Hermano, História de Portugal, Editora Europa-América, 2004.